

Graphias

Sérgio da Fonseca Amaral*



Abstract

his article deals with the bond between biography and fiction having Oswald de Andrade's work as its starting point. It seeks to prioritize the intimate connection between life and language, seeing in one the dominion of the other. It reveals, therefore, the intersectional traces of the one who came to be known as Oswald.

Keywords: Biography, fiction, Oswald de Andrade.

*"Deslocam-se as grafias:
do livro para a rua".*

Oswald: atos literários
(Roberto Corrêa dos Santos)

* Professor-Doutor da Universidade Federal do Espírito Santo.

Lendo os textos de Oswald de Andrade, fica-se com a imediata impressão biográfica de que um tema central acompanha toda a obra: sua própria vida. Essa afirmativa, se a adensarmos um pouco mais, pode ser revertida numa imediatamente contrária: convivendo com as notícias acerca de Oswald, fica-nos impregnada a desconfiança de que tudo não passa de ficção. Os traços construídos no imaginário do leitor deixam sorrateiramente as pistas de uma personalidade que, selecionada e combinada repetidas vezes, em diversos tipos de texto, se faz presente e se solidifica à medida que as escritas e as leituras vão se perfazendo. Tal desenho textual levou-me a cogitar sobre um mundo fictício plasmado por Oswald que, no ato de narrar-se como o herói (e anti-herói) de si mesmo, constrói personagens que são afeiçoados ao gordo Quixote, no dizer de Antonio Candido, que avança contra moinhos e injustiças detectados pelo seu olhar ferino e sintético. Na sua escrita, comparecem, continuamente, citações de sua própria autoria que, ao longo de um tempo, constituem, à primeira vista, redundâncias, mas, também, retomadas de projetos não abandonados. Em suas tintas, estão em constante presença: a antropofagia, a auto-avaliação, a profusão de tramas erótico-amorosas-sentimentais, as pequenas tragédias pessoais e considerações estético-literárias. Dessa maneira, nos deparamos frente aos textos com uma estratégia de narração na qual o autor procura desfazer-se numa persona literária e não transformar a literatura em documento de uma existência extraliterária. Por isso, achei interessante relevar os traços que ligam *Memórias Sentimentais de João Miramar*, *Um Homem sem Profissão*, parte de *Os Condenados* e *O Perfeito Cozinheiro das Almas deste Mundo* para ler tais textos como injunções narrativas em que estariam presentes a escrita como matéria e memória fundamentais de seus textos ficcionais, ou não. Nesse caso, a memória rediviva regenera e forma novos tentáculos a partir de frases já ditas, e novas sentenças surgem, recriando num total da obra um cadinho de uma máscara autoral que aparece sob a chancela chamada Oswald de Andrade.

Com isso o jogo que sua ficção estabelece com aquilo que quer ser chamada de realidade produz um contraste de luz e sombra e intrmete personagens em personalidades, apresentando em cascata desdobramentos de vida *sócio-ficcional* a partir de uma persona *ficcio-social*. Isso quer dizer que o Oswald que nós conhecemos, já nomeado “ser de papel” por Roberto Corrêa dos Santos, e a que temos acesso é, ao mesmo tempo, escritura dele mesmo, de uma história, de uma cultura e, sobretudo, de sua própria ficção. Aqui nos deparamos com uma pequena ironia do destino: o narrador Oswald, sequioso por criar ficções, criou-se como um documento vivo de sua ficcionalidade. No rastro de tal escrita, encontraremos os traços que riscam, rasuram, cruzam personagens e personalidades, confundidas ao longo de narrativas quer se queiram fictícias, quer biográfico-documental.

O que deveríamos perscrutar em memórias sempre presentes? Antes, é interessante notar que em um autor modernista empenhado num futuro, numa marcha da história e no progresso, como vem afirmado no seu prefácio ao *Serafim*, o seu suporte textual seja o passado, porém não qualquer um, mas a

memória como reminiscência, como sinal biográfico, como falas que se acumulam em laudas e se transformam em pessoa. Afirma-se, desse modo, o retorno como marca da presentificação na história. Assim, não é por acaso que há um reencontro sentimental e esclarecedor entre a biografia e confissões, escritas do final da vida, com as do princípio, de vida e de ficção, como um Bentinho não sorumbático, atando uma ponta da existência na outra. A vida aí não apenas se confunde com a ficção, mas a ficção ilumina o que é uma vida. Dessa maneira, um título de artigo como “O Caminho Percorrido” enuncia um balanço de ações, além de ser uma reflexão em que uma vez mais o personagem se apresenta como narrador-testemunha, costurando um determinado desfecho de um segmento da história da cultura brasileira. O depoimento é tomado de uma fonte primária, ele próprio. Ao mesmo tempo, coloca-se como parte de um evento em que o superaria. Ao se colar à narrativa proferida, legitima o passado e o presente e aponta para uma necessária escolha de um futuro a ser feita. É a biografia como exemplo e chamamento para a luta.

Segundo Bakhtin, há “dois tipos biográficos básicos segundo os quais se estabelecem a consciência dos valores e a estruturação do mundo”. Estes seriam o da aventura-heróica e o do sócio-doméstico. O primeiro se caracterizaria pela vontade de ser e de ter importância no mundo dos outros; vontade de ser amado; e a vontade de viver o acontecer romanesco, a diversidade da vida interior e exterior.

Hannah Arendt em *A Vida do Espírito* afirma a importância da aparência na realidade das coisas e a problemática do verbo exprimir quando se trata de falar sobre algo que se apresenta. A relação do interior com o exterior torna-se complicada, visto que o dentro no trânsito para fora não se realiza enquanto dentro, mas como o fora. O que quer que façamos é uma mediação; a expressão da raiva é a sua auto-representação e não mais ela mesma, que se esvai no próprio ato. Dessa forma, a ficção de uma vida e a vida de uma ficção são elas mesmas exhibições do que se quer conhecido e se dá a conhecer. Assim sendo, a ficção oswaldiana se encontra nos escritos de qualquer sorte, em que a vida se faz presente de todas as maneiras, e essa vida pode ser sintetizada em uma poucas palavras: vontade de transgredir. Aspecto do qual incorporou um personagem e uma personalidade intercambiáveis entre si. A vida de sua escrita e a escrita de sua vida se transmudam: ficções em que autor, narrador, personagem e personalidade se revezam no papel continuamente. Para tal efeito, uma recepção foi estigmatizada: a fama de piadista a seu respeito, o atributo de pensador pouco sistemático e de não ser sério, como atesta Antonio Candido, significam a rendição do leitor às idiossincrasias de um personagem numa máscara constante, convergindo focos de luz para zonas do texto em que não consegue reverter e escapular de um enredo no qual suas rubricas ao narrador são rigidamente aceitas. É o imaginário do personagem invadindo a ficção. Personagens que escapam da mão do narrador e vivem na pele do autor, ou do ator, são um risco para ambos, pois podem destruir a reputação do autor e, ao mesmo tempo, subsumir na vida ordinária como persona social. Isso pode ter sido estratégico na vida de Oswald, pois ao tentarmos decompô-lo nos deparamos

com um *modus operandi* que nos remete para uma ação retirada de suas letras e de seus personagens que freqüentavam a *garçonnière* da Líbero Badaró, o navio el durasno, as memórias de Miramar, *Os Condenados, Um Homem sem Profissão*. O antropófago que buscava a tudo deglutir também é engolido pelas próprias palavras que vive, transformando-se no banquete da própria ficção que cria, sendo desse modo a ágora viva das investidas das indiscrições privadas. Pelo menos é essa a enunciação formulada pelo narrador de sua personagem nas memórias¹, embora, evidentemente, seja por si mesma mais uma instância discursiva pronta a se colocar em guarda, relatar e transformar os desafios em mais palavras a serem ecoadas para preencher mais páginas e escaninhos da existência de papel, e de sangue, tentando rastrear um caminho em que aponta concessões e rupturas.

Ao colocar em cena um mundo que passava, entrando em choque com o que advinha, tanto o das intimidades, quanto o das extremidades, o narrador Oswald de Andrade não apenas afirmava um projeto pessoal, mas também o projeto de modernização, pois a linha traçada de um ponto progresso requisitava um lugar de chegada, e tal caminhar só poderia representar um avanço em direção a um futuro aberto e pleno de possibilidades.

As significações do homem que passou ressoaram nas grafias pronunciadas, e o que pensamos dele, através dele, está nos seus textos e não naquele que andava pela rua Augusta. A ficção Oswald quase que ganha das ficcionalidades de Oswald por se confundirem nos espaços do riso com os do siso. Mas, com isso, legou uma forma impertinente de pensar os lugares das origens. Não importa, hoje, num mundo do ciberespaço, que a antropofagia não nos una, pois a diferença desalojou a identidade unidimensional do outro que, descentrado, estilhaçou-se em centros e periferias simétricos pelo planeta.

A linguagem em atrito com a realidade, o que quer que ela seja, provoca ficção. O rumor da narrativa provoca feitura de personagens, como um cochicho. Mas, e quando o autor, aquele alguém que segura o aleph dos seres incriados, constrói a partir de si mesmo outros viventes para fazer disso a razão de suas narrativas para certificar que existiu? A recepção, está claro, não poderia ser de outra forma do que uma perda para ambos: a personagem e o autor. O bom senso pede que se coloque de um lado autor, persona civil, e personagem, persona fictícia. Quando se misturam as criações, o risco de aniquilação se duplica, pois tanto os críticos sociais quanto os literários estão a postos para descerrar sua artilharia pesada contra os invasores de seres que atravessam seus limites, vide *Madame Bovary* e Flaubert. A física nos diz que dois corpos não podem ocupar, simultaneamente, o mesmo lugar no espaço, mas a ficção e a realidade se bifurcam, se alongam e se circulam como a banda de Moebius, num processo contínuo e infinito. A publicação

1 “Fito nas paredes do *living* espaçoso as minhas altivas bandeiras. São os quadros, as obras-primas da pintura moderna de que breve vou me desfazer. São os estandartes levantados na guerra que foi a minha vida. [...] São as minhas bandeiras que contam que nunca abdiquei na luta feroz dos meus dias”. (ANDRADE, Oswald de. *Um homem sem profissão, sob as ordens de mamãe*. São Paulo: Globo, 1990, p. 21.).

de um personagem pode significar a singularização de vidas. A personalização de uma vida, a publicização de uma singularidade biográfica. Isso quer dizer que a exteriorização de um ato literário requer a ficcionalização do autor, pondo em destaque o narrador, uma dobra, por natureza, entre o interior e o exterior. Por isso, Oswald, como um ficcionalizador, emprestou sua vida a seus personagens e tomou delas traços necessários a sua existência. Dessa forma, aquela crítica apressada em julgar que Oswald não criou sob a antropofagia² não percebe o quanto ele foi antropófago o tempo inteiro, absorvendo suas virtuosidades e a dos outros em toda a sua escrita, sendo ele mesmo o maior deglutido dele mesmo ao passar para o texto, e daí para a vida.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Oswald de. *Um homem sem profissão, sob as ordens de mamãe*. São Paulo: Globo, 1990.

GULLAR, Ferreira. "Nem tudo é verdade". *Revista Bravo*. São Paulo, nº 8, maio 1998.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. *Oswald: atos literários*. Belo Horizonte: Edições 2 Luas, 2000.

2 "[...]. Ou seja, o inventor do Movimento Antropofágico não escreveu nenhuma obra inspirada nas idéias que defendeu no seu manifesto". GULLAR, Ferreira. Nem tudo é verdade. *Revista Bravo*. São Paulo, nº 8, p22-23, maio 1998.

